

O CONSUMO EM QUESTÃO: VOCÊ É ACUMULADOR OU DESAPEGADO? UM DEBATE INTERCULTURAL

Cláudia Silva Estima*

Bruce McCormack**

Thais Negrello***

Resumo: Este estudo traz uma proposta de reflexão em torno do consumo desenfreado de produtos entre estudantes de um contexto intercultural. A atividade integra o Programa de Extensão *Cinema, Cultura e o Mundo do Trabalho* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – *Campus* Porto Alegre e visa a complementar a formação dos estudantes de sua comunidade interna e participantes da comunidade externa com a realização de ações de extensão que tratam de temas que envolvem aspectos interculturais para o aprendizado de língua estrangeira e literatura. O estudo foi aplicado em dois grupos: um no contexto brasileiro e outro no canadense, por meio do uso de materiais de ensino como vídeos de curta-metragem. Especificamente, buscou-se conhecer como esses grupos procedem em relação ao acúmulo ou descarte objetos pessoais. Procurou-se, também, identificar os motivos que levam os entrevistados a manter ou descartar seus objetos pessoais. Paralelamente, esta ação procurou promover o intercâmbio cultural entre os seus participantes, tanto pelo desenvolvimento linguístico (interação entre falantes da língua portuguesa e inglesa), como pela promoção do conhecimento de diferentes costumes e hábitos das duas comunidades.

Palavras-chave: Língua Inglesa. Cinema. Educação.

1 Introdução

No intuito de complementar a formação dos estudantes com temas que envolvam aspectos interculturais para o aprendizado de língua estrangeira, levando à reflexão assuntos além dos conteúdos curriculares, o Programa de Extensão *Cinema, Cultura e o Mundo do Trabalho* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – *Campus* Porto Alegre tem promovido, desde 2013, atividades que procuram ir ao encontro desse propósito.

O presente estudo traz uma das ações desse Programa realizada em 2015, a qual teve por objetivo compreender como dois grupos de estudantes e membros da comunidade externa (um grupo brasileiro e outro canadense) se posicionam em relação ao consumo desenfreado por produtos, que caracteriza a sociedade atual. Especificamente, buscou-se conhecer como esses

* Professora de Língua Inglesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – *Campus* Porto Alegre. Doutora em Estudos da Linguagem.

** Professor de Língua Inglesa do Camosun College, Victoria, B.C. Mestre em Linguística Aplicada.

*** Estudante graduanda do curso Gestão Ambiental do IFRS/Campus Porto e bolsista PIBEX



grupos procedem em relação ao acúmulo ou descarte de objetos. Além disso, procurou-se identificar os motivos que os levam a manter ou descartar seus objetos. Paralelamente, esta ação visa promover o intercâmbio cultural entre seus participantes, tanto em nível linguístico (falantes da língua portuguesa e inglesa), como pelo conhecimento de diferentes costumes e hábitos das duas comunidades.

Alguns questionamentos motivaram a presente pesquisa, os quais buscavam compreender: a) será que os participantes do evento, tanto no contexto brasileiro quanto no contexto canadense, já refletiram a respeito dessa questão?; b) o que estaria envolvido na dificuldade ou facilidade em descartar objetos?; c) terá a atividade realizada levado a algum tipo de questionamento em relação ao assunto?; d) estariam as pessoas dispostas a questionar e mudar os seus procedimentos em relação ao descarte ou acúmulo de objetos?

Dos questionamentos levantados, procuramos entremear essas questões em discussões promovidas em um evento de extensão. Estabelecido esse contexto, identificamos a necessidade de aprofundar alguns conceitos referentes à compreensão: a) do papel de um programa de extensão na área de Letras e Literaturas dentro de um instituto técnico e tecnológico (PROPEL); b) dos modos como cinema e educação se embrenham; c) de como o cinema pode servir como um instrumento para reflexão; d) das conceituações atribuídas ao consumo, ao descarte de resíduos e objetos de uso pessoal e seus equilíbrios, os quais serão tratados a seguir.

2 PROPEL, cinema e educação, temas para reflexão

2.1 O PROPEL: sua caracterização e objetivos

O PROPEL do IFRS tem, desde a sua criação em 2011, o objetivo de complementar a formação técnica e tecnológica de seus alunos e comunidade externa através da oferta de atividades de extensão direcionadas a aspectos que envolvam o desenvolvimento de competências linguísticas e culturais.

Por meio da promoção de ações extensionistas que envolvem línguas, literatura, cinema, artes plásticas, música e dança, o PROPEL está fundamentado no princípio de que, com a compreensão também das expressões culturais da nossa sociedade, assim como de outras, estar-se-á considerando a educação de modo ampliado. Isso significa que pretende uma educação que deverá abranger a complexidade da formação dos indivíduos de modo que desenvolvam um pensamento crítico, que internalizem e vivenciem a inclusão social responsável e a valorização humana.

O PROPEL tem se estruturado dentro dessa perspectiva e considerado as características de



suas ações de extensão que buscam promover o contato direto dos estudantes com realidades concretas e a troca de saberes acadêmicos e populares (Decreto n. 6.495, de 30 de julho de 2008). Dessa forma, visa à criação e à recriação de conhecimentos possibilitadores de transformações sociais, contribuições técnico-científicas e a colaboração na construção e difusão dos valores da cidadania, seja para se situar historicamente, seja para se identificar culturalmente (NOGUEIRA, 2005).

2.2 Cinema, Cultura e o Mundo do Trabalho: caracterização

Entre as inúmeras ações já ocorridas, o PROPEL oferece, desde a sua criação, uma ação envolvendo cinema e reflexão, a qual estabeleceu em 2013 uma parceria com o Camosun College (Canadá) e tem, de várias maneiras, realizado esta ação de modo integrado. Os idealizadores desse evento identificaram a importância com que essa ação conjunta colabora no estreitamento de barreiras interculturais, assim como desempenha um papel importante na conscientização de seu público. Desde o seu início, percebe-se a importância em registrar as experiências realizadas por meio da coleta de dados e do aprofundamento do estudo de conceitos envolvendo o cinema e a educação (ESTIMA, 2014).

Discutiremos, a seguir, como se relacionam Cinema e Educação, qual é o seu papel, o que acontece com aquele que assiste a um filme, que aspectos estão envolvidos, por que tem impacto sobre a audiência.

2.3 Cinema e Educação

A relação entre cinema e educação ocorre no contexto brasileiro no início do século XX, momento em que o cinema foi tomado como um projeto de transformação social. A sua utilização como um material de ensino em atividades educacionais visava promover a instrução popular de grandes massas e de analfabetos. No Decreto n. 21240, de abril de 1932, filmes são considerados materiais de ensino que atuam em benefício da cultura popular.

No ambiente educacional, uma série de estudos têm sido realizados com a utilização de filmes em sala de aula. Entre eles, destaca-se o uso do cinema: a) para o estudo das relações entre cinema e educação (ALEGRIA; DUARTE, 2005); b) como um caminho metodológico (FABRIS, 2008); c) como meio de formação ética e estética de si mesmo (FISHER, 2009); d) como proposta pedagógica para as práticas de educação ambiental (COLLA, 2011); e) para reflexões acerca da interculturalidade e o papel da escola (NUNES, 2011); f) como projeto de modernização cultural; e g) como parte das experiências para formação docente (BARCELOS, 2010), para citar alguns.



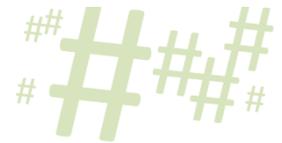
2.4 O cinema como meio para a reflexão de questões

Apresentado como instrumento de observação, material didático, meio de expressão e veículo formador do imaginário social (OLIVEIRA, 2006), o cinema e seus efeitos têm sido interpretados dentro de uma diversidade de perspectivas. O diálogo entre o cinema e a educação tem tratado de questões que envolvem a sua contribuição para uma educação multicultural, para a reeducação entre culturas, as reações e significados para aquele que assiste a um filme, a competência do ver, o estranhamento e a disrupção do pensamento (NUNES, 2011; GOTTSCHALK, 2006; PIRES; SILVA, 2014; BOURDIEU, 1979; DINIS, 2005).

Estudos como os de Nunes (2011) provocam a reflexão em relação à proposta de uma educação multicultural que vise à ruptura da negação do outro, que considere as diversas culturas existentes dentro da sala de aula a partir dos elementos e das situações de uma obra cinematográfica. Na mesma linha de pensamento, “filmes podem constituir recursos poderosos facilitadores ou impeditivos entre culturas”; esta é a ideia que Gottschalk (2006, p.1) defende. Essa autora entende que além de um produto comercial, uma fonte de entretenimento e educação, filmes podem levar à empatia ou à rejeição entre culturas ao provocarem trocas entre perspectivas, opiniões, conceitos e crenças. O espectador é levado a criar novas realidades e se questionaria: “o mundo é dessa maneira, não é?”.

Pires e Silva (2014), ao tratarem a respeito de cinema, discorrem sobre os efeitos criados pelas imagens. Para os autores, as imagens configuram textos que representam e encobrem o mundo, descrevem as coisas e lhes dão sentido, suprimem e integram, desdobram e restringem a realidade. Sob esse aspecto polissêmico, possibilitam múltiplas interpretações e, por esse motivo, ressaltam os autores, a importância do desenvolvimento da desnaturalização das imagens de modo que haja uma subjetivação crítica em relação àquilo que é assistido. Em outras palavras, entendem que aquele que assiste a um filme realiza uma análise visual crítica de modo a interpretar as significações culturais produzidas, as relações de poder e as práticas sociais promovidas. Conforme Bourdieu (1979), é preciso desenvolver a “competência para ver” dentro de leituras possíveis de um universo social e cultural dos indivíduos.

Para Dinis (2005), o filme provoca, naquele que lhe assiste, um estranhamento, uma desterritorialização e uma disrupção de pensamento, promovendo um espaço de irrupção do diferente, uma descristalização das referências identitárias, conduzindo a se pensar de modo diferente. Assim, produz-se um estado de ruído, levando a novos devires e à emergência de um novo tempo. É o exercício da subjetivação pela alteridade ao reconhecer o direito à diferença do



outro, pelo desejo de sair da condição de se permanecer o mesmo, pela paixão por territórios desconhecidos e pela experimentação de diferentes formas de estar no mundo (DINIS, 2005). Enfim, é o outro, segundo define Dinis (2005, p.75), “O outro é tudo aquilo (humano, não humano, visível, não visível) que me arranca da pretensa estabilidade de uma identidade fixa (de um modo padronizado de pensar, sentir e agir) provocando-me com um incessante convite para diferentes formas de ser-estar no mundo”.

Dentro das perspectivas tratadas, percebemos que as contribuições do cinema na formação daquele que assiste a um filme têm alcances que vão além de interpretações superficiais. A partir de uma leitura de questões que têm sido debatidas em nosso cotidiano, consideramos que promover uma reflexão sobre o tema consumo e descarte, acúmulo e desapego de objetos pessoais aos participantes do *Ciclo de Cinema, Cultura e o Mundo do Trabalho: intercâmbio Brasil/Canadá* contribuiria de um modo interessante para a formação de cidadãos mais conscientes e responsáveis em relação aos seus papéis dentro de uma sociedade caracterizada essencialmente pelo consumo.

2.5 Consumo x descarte de resíduos

A temática sobre consumo e descarte escolhida para a realização da sessão de cinema pareceu-nos que instigaria a autorreflexão, uma vez que observamos, em diversos meios, e com frequência, preocupações com a separação de lixo, a reciclagem de sacolas de supermercado, pessoas com dificuldade de descartar objetos que não utilizam mais, acumuladores compulsivos de lixo entre outros temas correlacionados, por exemplo, consumo de produtos orgânicos, a alimentação natural, que circulam em ambientes formais (assuntos tratados em currículos escolares e leis/códigos que são elaborados/aprovadas) e informais (nos grupos sociais e meios de comunicação).

Consideramos que, uma vez que são temas do cotidiano para os quais, frequentemente, somos inquiridos a tomar posições e agir de formas imediatas, o assunto seria prontamente aceito para debate, como de fato ocorreu, tanto no ambiente brasileiro como no canadense. No entanto, a compreensão de conceitos relacionados à temática consumo e descarte requereu o aprofundamento de alguns aspectos, não somente para a elaboração de um roteiro de discussão acerca do tema, mas, especialmente, para a interpretação das contribuições que adviriam com a participação dos envolvidos na ação. Diante desse contexto, partiu-se para a compreensão acerca do consumo sustentável.



2.5.1 Consumo Sustentável

Para o entendimento acerca do contexto que o consumo sustentável está envolvido, partimos em busca de um conceito que o caracterize, de como são definidos os aspectos envolvidos e do papel da educação para constituição de um consumidor cidadão.

O consumo sustentável no Brasil, desde 2010, a partir da Lei nº 12.305, que trata a respeito da Política Nacional de Resíduos Sólidos, tem dentre os seus objetivos¹ “a não geração, redução, reutilização, reciclagem e tratamento dos resíduos sólidos, bem como disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos”.

Também, nesse documento, é retomado o princípio dos 3Rs - reduzir, reutilizar e reciclar -, segundo o qual, conforme Ortigoza (2003), é necessário o desenvolvimento de hábitos de consumo responsáveis. O propósito é estabelecer, primeiramente, a educação e a reutilização, e somente depois a reintrodução dos produtos no sistema por meio de reciclagem, esperando-se, dessa forma, novos comportamentos por parte do consumidor. Logarezzi (2006) afirma que o consumo responsável está estritamente relacionado a assumirmos as consequências diretas e indiretas de nossos atos, o qual visa, portanto, modificar os padrões de produção, de consumo e de estilo de vida (GUIMARÃES, 2011).

Para Furriela (2001), é necessária a formação do consumidor cidadão, o qual, por meio de uma tomada de consciência, assume o seu papel de transformador do sistema em vigor em busca de um padrão de desenvolvimento socialmente justo e ambientalmente equilibrado. Segundo Furriela (2001), deve haver iniciativas de Educação Ambiental nas escolas e espaços não formais de educação, pois o consumo sustentável está estreitamente ligado ao conceito de cidadania.

2.6 O consumo e seus significados

Mas qual o significado do consumo desenfreado adquirido na sociedade atual? O impulso consumista observado na sociedade atual é movido pelo sentimento de bem-estar gerado pela compra de bens materiais, o qual está relacionado ao sentimento de identidade e *status* social e sucesso na vida (GUIMARÃES, 2011). Para Ignácio (2008, p. 4), “mais do que objetos, são artefatos culturais carregados de significados”. Ou seja, o valor não está no objeto em si, mas nos significados que adquire e concede a todos aqueles que o consomem.

Os significados sociais evocados pelos produtos levam o sujeito a sentimentos de carência, culpa e ansiedade, os quais somente serão atendidos após a concretização do consumo. Dessa forma, esses produtos provocam uma linha de pensamento de causa e efeito entre felicidade e

¹ No objetivo II.



consumo e/ou consumo e felicidade.

Bauman (2005) trata sobre a descartabilidade em suas teorias a respeito da sociedade líquida. Para o autor, o consumismo na sociedade atual está ligado à satisfação de necessidades que são realizadas de forma instantânea pela aquisição de objetos, cujo desgaste, familiaridade ou monotonia levam o sujeito a rapidamente desejar substituí-los por outros objetos novos e mais estimulantes. Segundo Bauman (2007), os produtos consumidos transformam as pessoas em mercadorias mais atraentes e desejáveis, pois são vistos, notados, comentados e desejados (ligados ao valor social e à autoestima do indivíduo) numa era em que a invisibilidade é equivalente à morte. Porém, essa postura acarreta consequências, conforme descreve Bauman (2007, p.53): “para atender a todas essas novas necessidades, impulsos, compulsões e vícios, assim como oferecer novos mecanismos de motivação, orientação e monitoramento da conduta humana, a economia consumista tem de se basear no excesso e no desperdício”.

Dentro dessa perspectiva de um consumo desenfreado, perguntamo-nos: até que ponto os participantes do *Cinema, Cultura e o Mundo do Trabalho* coadunam com esses procedimentos?

Para conhecer essa realidade, promovemos o evento “Você é acumulador ou desapegado?”.

3 O Evento e os frutos das discussões

3.1 Contexto educacional

O presente estudo trata das informações coletadas junto aos participantes do evento “Você é acumulador ou desapegado?”, ocorrido no dia 9 de junho de 2015, no IFRS, Campus Porto Alegre, e, simultaneamente, no Camosun College, em Victoria, no Canadá.

3.2 Sujeitos envolvidos

O evento contou a participação de 28 pessoas, nos ambientes brasileiro e canadense. Em Porto Alegre houve quatorze participantes, entre os quais, onze mulheres, dois homens e um que não declarou seu gênero. A idade dos presentes variou entre 18 e 57 anos. Sete destes declararam ser estudantes, três declararam-se professores e os outros quatro afirmaram ter outras profissões, como técnico em nutrição, secretária e fotógrafa. Em Victoria, participaram 14 indivíduos, sendo cinco do sexo masculino e nove do sexo feminino, com idades entre 17 e 45 anos. Todos exerciam a ocupação de estudantes, entretanto, quatro declararam também exercer outras atividades profissionais, como enfermeira, vendedor, engenheiro computacional e assistente do lar. No IFRS, o



evento possuiu natureza de extensão e, por essa razão, os participantes são oriundos de diferentes cursos técnicos e superiores, bem como da comunidade externa. No Camosun College, foi organizado como uma atividade de sala de aula, inclusa no planejamento pedagógico feito pelo Professor Bruce McCormack para sua turma regular do curso de língua inglesa para estrangeiros, oferecido naquela instituição.

3.3 Metodologia

A fim de conhecer como os participantes do evento, nos ambientes brasileiro e canadense, se posicionavam em relação ao tema do consumismo e descarte e os efeitos dessa reflexão, elaboramos uma atividade que levasse os grupos a refletirem sobre o tema proposto.

As tratativas iniciais envolveram os coordenadores brasileiro e canadense, que procuraram materiais com excertos de vídeos (curtas-metragens), um roteiro de perguntas para debater o assunto e um questionário para ser aplicado ao final da atividade. Optamos pelo uso de curtas-metragens, pois esses permitem a aplicação de uma atividade que oferece uma maior agilidade, uma vez que o vídeo de menor duração permite um tempo maior dedicado ao debate para, então, realmente, abrir o espaço para ouvir e levar o aluno à reflexão.

O evento abordou as seguintes temáticas: consumo excessivo, acumulação e apego aos objetos pessoais e à prática do desfazer-se dos objetos que não são mais necessários, como também as dificuldades encontradas (ou não) neste ato e como o mesmo se incorpora ao cotidiano dos participantes do evento.

Inicialmente, a temática foi introduzida pela provocação de um breve debate sobre o assunto do evento e, em seguida, foi exibido o curta-metragem *The Collyers*², creditado à artista canadense Layne Hintonna, no qual a personagem, à medida que adquire objetos, quadro a quadro, vai se tornando cada vez mais triste até o final do vídeo. A seguir, o público foi convidado a compartilhar as impressões, emoções e sensações provocadas por essa exposição. Na sequência, foi apresentada a palestra em vídeo *Less stuff, more happiness*³, realizada pelo escritor e designer americano Graham Hill, na qual o autor defende a ideia de se desfazer das coisas desnecessárias em nossas vidas e habitar espaços menores a fim de obter mais felicidade, economizar e preservar o meio ambiente. Novamente, a palavra estava com os alunos no intuito de que refletissem a respeito do assunto. Após esse período de troca de ideias, distribuimos um questionário para que os alunos escrevessem a respeito de alguns dos aspectos discutidos.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qYyVJ-JSm-g>.

³ Disponível em: http://www.ted.com/talks/graham_hill_less_stuff_more_happiness?language=en.



Simultaneamente, ocorreu no Camosun College, em Victoria, um evento nos mesmos moldes, sob a orientação do coordenador canadense.

4 Apresentação das contribuições dos participantes

Os dados analisados neste estudo referem-se a dados coletados em um questionário que foi aplicado referente à exibição dos vídeos e debate, que serão analisados a seguir.

4.1 Dados Coletados⁴

No ambiente brasileiro, numa primeira questão, perguntamos aos participantes em qual das definições que intitularam o evento - Acumulador ou Desapegado -, acreditam enquadrar-se. Os participantes apresentaram os seguintes dados: seis responderam ser acumuladores, cinco responderam ser desapegados e três definiram-se como um meio termo entre os dois extremos. Entre os que se consideram desapegados, uma das entrevistadas, SB7, diz que se considera desapegada e relata como se sente em relação ao tema “... já necessitei fazer esta mudança e não me senti infeliz por isso”. No grupo de pessoas que estão em processo de conscientização, três entrevistados afirmam: “Conforme as coisas vão te atrapalhando, seria melhor doá-las. Estou me conscientizando aos poucos (SB4)”; “É possível, mas requer esforço nesse sentido. A conscientização já é um grande passo. (SB5)”; e “Penso em adequar o meu comportamento (SB10)”.

Ainda sobre essa mesma questão, mas entre os participantes no Canadá, seis dos participantes se dizem acumuladores e sete se classificam como desapegados, um aluno não respondeu. Entre os que se consideram acumuladores, os sujeitos SC1 e SC2 ressaltam que o momento provocou uma reflexão a respeito do assunto em torno das suas atitudes e que se avaliaram, naquele momento, como acumuladores. O sujeito SC1 diz: “Eu não havia pensado nisso anteriormente, mas eu acho que sou um acumulador. Depois dessa discussão, eu conheço um pouco melhor sobre mim mesmo”. O sujeito SC2 comenta: “Depois de assistir ao filme, eu acho que eu sou, definitivamente, um acumulador. No meu quarto, as coisas estão espalhadas por todo lugar e a maioria são roupas”.

Em uma segunda pergunta, questionamos os participantes brasileiros a respeito da periodicidade com que realizam em suas casas a separação e destinação de objetos dos quais pretendem se desfazer. Sete pessoas afirmaram realizar o procedimento entre uma e duas vezes ao

⁴ SB – sujeito brasileiro. SC – sujeito canadense.



ano, duas pessoas o realizam entre três e cinco vezes anuais, e três pessoas o realizam de seis a doze vezes no mesmo período. Uma pessoa afirmou realizar a separação de maneira contínua e uma pessoa afirmou adiar ao máximo possível essa tarefa.

Os participantes do Camosun College, quando indagamos a respeito da frequência com que descartam, reciclam ou doam seus pertences, apresentam os seguintes dados: cinco afirmaram *geralmente*; quatro, *ocasionalmente*; e três declararam que *raramente* realizam o descarte ou reciclagem. Os demais participantes não responderam a essa questão.

Na questão 3 do questionário aplicado no IFRS, perguntamos quais objetos os indivíduos sentiam mais dificuldade de se desapegar. Respondendo a essa questão, quatro pessoas declararam ter dificuldade em se desfazer de roupas, e quatro declararam ter dificuldade em se desapegar de sapatos. Eletrônicos foram mencionados por dois participantes, e os itens como potes, utensílios de cozinha, maquiagem, material de estudo, livros, enfeites de estante, presentes, brinquedos antigos, eletrodomésticos e miudezas foram citados pelos demais participantes.

Referente ao tipo de objetos, os participantes no ambiente canadense disseram que têm maior apego a roupas, roupas de marca, sapatos, acessórios, objetos de arte, livros, móveis antigos de família, brinquedos, eletrônicos, *souvenires* de viagens, ingressos de cinema usados e outros pequenos objetos que remetam a boas lembranças, pertences especiais e filme plástico que recobre objetos recém-comprados. Os objetos citados nas respostas no ambiente canadense não se repetiram. Três participantes não responderam a esta questão em específico e dois citaram mais de um tipo de objeto.

Na quarta questão, em se tratando da destinação usual para os objetos descartados, no contexto brasileiro, todos os participantes declararam destinar os objetos a alguma instituição sob a forma de doação. Entre os comentários, um dos entrevistados, SB1, afirma: “Doar para os que necessitam”. Três deles admitiram também descartar parte dos objetos no lixo, conforme um dos participantes, SB5: “Costumo doar o que está em boas condições e jogar fora o que não serve mais”.

Em relação à destinação dos objetos descartados, no ambiente canadense, cinco dos entrevistados relatam que direcionam os objetos a instituições de caridade, hospitais, centros de ajuda social, famílias carentes e Cruz Vermelha. Outros quatro afirmaram que doam os seus objetos a seus amigos, um diz que os vende em classificados e um descarta no lixo.

Na pergunta de número 5, solicitamos que os participantes descrevessem o motivo que explicaria essa dificuldade em descartar seus objetos pessoais. Três participantes brasileiros explicaram o motivo da sua dificuldade. SB1 diz: “Utensílios de cozinha, pois como eu trabalho na



área de alimentação, acho que tudo é necessário”. SB6 afirma que tem dificuldade em se desfazer de sapatos e livros, e o motivo é: “Acho que por vaidade (os sapatos), e os livros tenho um apego muito grande”. Uma terceira participante, SB8, relata ter dificuldade em se desfazer de sapatos “[...] porque sempre acho que vou precisar”.

O envolvimento afetivo com os objetos é identificado pelas falas de dois participantes brasileiros que declararam ter dificuldade de se desapegar de “Objetos que ganhei de pessoas próximas e que possuem importância afetiva (SB7)” e “Tudo que remeta a alguma boa lembrança (SB11)”. A relação com os objetos é retratada como algo de alto valor afetivo por SB9, ela descreve “enfeites de estante, pois eu crio um apego a cada enfeite novo, como se fosse um bebê”.

O sujeito SC3, no ambiente canadense, ao identificar-se como acumulador, traz o aspecto da organização e o sentimento de segurança por estar perto de suas próprias coisas como algo que parece estar diretamente ligado à prática da acumulação. Ele diz:

O filme me levou a repensar a respeito do meu estilo de vida. Eu sou definitivamente um acumulador. Eu sempre empilho as minhas roupas numa cadeira e as mantenho mesmo que estejam fora da moda. Geralmente, eu penso que um dia eu poderei usá-las, mas eu sei que esse dia nunca virá. Manter as coisas por perto me dão um sentimento de segurança. No entanto, ser um acumulador significa não somente ter um apego às coisas antigas, como também se recusar a ter um novo início na sua vida. Coisas que não usa e a sua história podem segurá-lo no passado. É hora que eu as deixe partir (SC3).

Da mesma forma, o sujeito SC14 menciona a questão da organização e amplia a questão ao fato de estar muito ocupado e não dedicar um tempo para a organização das coisas pessoais. Ele relata:

Foi um tópico interessante para pessoas como eu. Na verdade, foi algo que me alertou para a questão porque eu sou uma pessoa ocupada e eu não tenho tempo para arrumar as minhas coisas. Quando eu estava nas Filipinas, eu arrumava as minhas coisas quase todas as semanas. Eu colocava de lado todas as coisas que realmente não precisava numa caixa e as doava para alguém necessitado. (SC14).

No grupo de entrevistados que se declararam desapegados, foi ressaltado o aspecto de limpeza e da organização que parecem estar ligados ao conceito do desapego. Na compreensão do sujeito SC4, “Sim, eu sou desapegada. Me considero uma pessoa caprichosa e eu quero que o meu apartamento esteja limpo, organizado e bonito. Eu geralmente doo algumas das minhas coisas, embora os meus amigos achem que é um desperdício de dinheiro”.

Outro aspecto evidenciado no grupo dos participantes que se consideram desapegados é a questão do valor afetivo que parece estar vinculada à questão de manter ou descartar objetos



personais, conforme retrata o sujeito SC5:

Eu sou uma pessoa com poucos problemas em relação à acumulação, por isso eu já sabia que não é bom guardar vários objetos. Francamente, eu gostaria de ser uma pessoa melhor no momento de doar coisas, porque às vezes eu direciono um valor afetivo às coisas materiais a ponto de eu não conseguir colocá-las no lixo, um simples pedaço de papel, por exemplo. Este tópico é muito interessante e eu acho que todo mundo deveria reconsiderar as suas atitudes em relação aos seus pertences. Enfim, eu acho que é muito difícil encontrar alguém que não tenha nenhum apego às suas coisas (SC5).

O sujeito SC6 traz o mesmo enfoque que SC5,

O tópico é interessante, mas deu enfoque somente à minimalização e como ter benefício dessa atitude. Entretanto, nós normalmente somos apegados a coisas que nos trazem lembranças ou coisas que damos valor mesmo que não signifique nada aos outros. Na minha família, nós doamos roupas e coisas que nós não usamos, mas às vezes, é difícil se desfazer de certas coisas. No meu ponto de vista, minimalização pode ser um modo muito eficiente de viver nos tempos modernos, mas pode ser difícil para pessoas em certas culturas, como a minha (oriental), adaptar-se a esse conceito uma vez que eu gosto de manter comigo as coisas que eu dou valor. Eu acho que eu não consigo me adaptar facilmente a esse sistema (tradução nossa) (SC6).

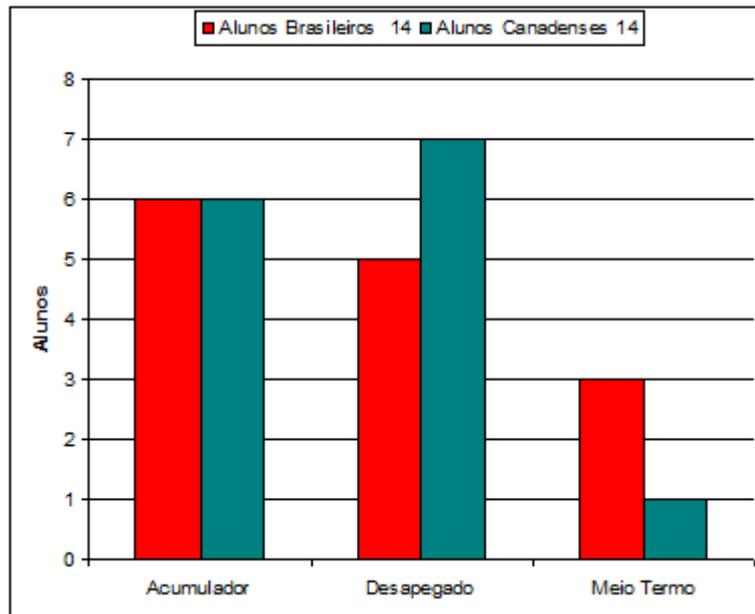
O sujeito SC7 ressalta a dificuldade de descartar as suas coisas pessoais, ainda que se considere desapegado, quando trata: “Bem, eu realmente não mantenho coisas desnecessárias na minha casa, mas na maioria das vezes eu acho difícil descartar as minhas coisas. Além disso, eu sou uma pessoa muito desorganizada e quando alguém é desorganizado isso significa que ele/ela é preguiçoso e por isso esse tópico é tão útil para mim”.

A destinação dada aos objetos centrou-se basicamente em doações para pessoas mais carentes (5SC e 14SB) e para amigos (4SC) nos dois ambientes. No ambiente canadense, também identificamos em um questionário a venda dos objetos em classificados como alternativa para destinação (1SC).

5 Análise dos dados entre os dois contextos educacionais

Os dados coletados na atividade realizada possibilitam que se conheçam os posicionamentos e procedimentos dos participantes em relação ao tema tratado. A partir da consideração das respostas dos questionários em relação a se classificarem como acumuladores ou desapegados, obtivemos a seguinte tabela com dados dos participantes do IFRS e do Camosun College:

Gráfico 1 – Como se identificam os sujeitos no ambiente brasileiro e canadense dentro das categorias “Acumulador, Desapegado e Meio Termo”.



Fonte: elaborado pelos autores.

Podemos identificar, nos dados apresentados no Gráfico 1, que nos dois ambientes educacionais as tendências gerais em se identificarem como acumuladores ou desapegados são bem aproximadas. O número de participantes que se considera acumulador foi o mesmo, seis participantes, nos dois contextos. No ambiente canadense, identificou-se um número maior de participantes (mas números ainda próximos) que se consideram desapegados, 5 SB para 7 SC. Ainda, 3 SB, um número considerável dentro do universo de 14 participantes no ambiente brasileiro, encontra-se em processo de desapego dos seus bens materiais.

Referente à frequência de descarte dos objetos pessoais, oito dos participantes no IFRS *raramente* realizam o descarte, dois fazem o descarte *ocasionalmente*, e quatro afirmaram *geralmente*. Entre os participantes no Canadá, três relatam que *raramente* fazem o descarte, quatro deles fazem o descarte *ocasionalmente*, cinco afirmaram fazer o descarte *geralmente*, e quatro não responderam.

Entre os objetos descartados, os entrevistados nos dois ambientes educacionais apresentaram os seguintes itens em comum: brinquedos, eletrônicos, livros, roupas e sapatos. Um aspecto interessante ressaltado foi que a maior dificuldade relatada entre os participantes diz respeito a um envolvimento emocional que eles mantêm em relação aos objetos, pois estes trazem à memória bons momentos que viveram e dão-lhes maior sensação de segurança. Esse comportamento parece remeter ao conceito de consumo da sociedade atual. Nesse caso, a dificuldade de se desfazer de objetos que não são mais utilizados é devida à sensação de felicidade proporcionada em relação a



esses objetos, conforme descreve Bauman (2007), a qual predomina em vez de direcionar os sujeitos a uma postura em relação ao consumo de reduzir, reutilizar e reciclar. Os comentários realizados pelos alunos, em linhas gerais, remetem a uma dificuldade em descartar objetos pessoais pelo sentimento de bem-estar gerado pela compra de bens materiais, reforçando sentimentos de identidade, *status* social e sucesso na vida.

6 Conclusão

Dentro dos propósitos do presente estudo, de provocar o questionamento a respeito do consumo e do descarte de produtos, foi possível conhecer o posicionamento dos participantes, suas práticas e como os percebem em outros ambientes e outras culturas dentro de uma proposta que buscou a educação multicultural, a reeducação entre culturas e o entendimento dos novos significados produzidos pela interação entre um grupo de participantes em um contexto brasileiro e outro canadense. Percebe-se, pelas contribuições dos participantes do evento, que nos dois ambientes existe a preocupação a respeito do tema, bem como iniciativas concretas tomadas no cotidiano das pessoas.

Pudemos verificar que instigá-los a expressar os seus posicionamentos em relação ao tema gerou quatro movimentos, que, conforme expressam os dados coletados, compreendem: a) passam a refletir sobre o assunto; b) propõem-se a adquirir novas práticas em relação ao consumo; c) afirmam estar dispostos a envolverem-se ainda mais em um consumo consciente por parte dos que já o praticam; e d) manifestam perceber as práticas entre culturas além da sua própria. Acreditamos que esse exercício de considerar os diferentes posicionamentos diante dessa questão tenha contribuído para a formação de um cidadão mais consciente em relação às suas atitudes, ao outro e ao meio ambiente.

Entendemos que a iniciativa da ação extensionista discutida nesta pesquisa reforça os intuitos primeiros do PROPEL, um programa de extensão que visa a contribuir na formação de um cidadão consciente, a partir de um olhar crítico, o qual foi instigado a debater as questões levantadas pela exibição de um curta-metragem e vídeo de uma palestra. Acreditamos que a atividade tenha colaborado para a formação de novos conceitos entre os participantes em torno de um consumo sustentável, bem como tenha promovido um intercâmbio cultural e o aprofundamento de conhecimentos da língua inglesa, língua de mediação utilizada entre os seus participantes.

CONSUMPTION IN QUESTION: ARE YOU A CLUTTERER OR A DETACHED PERSON? AN INTERCULTURAL DEBATE

Abstract: The Program *Film, Culture and the World of Word*, from the Federal Institute of Rio Grande do Sul (IFRS) – *Campus Porto Alegre*, aims at providing complementary education to students by the promotion of activities of extension to outside members of the academic community, dealing with themes that involve intercultural aspects to the learning of foreign language and literature. In this study, one of these activities, held along 2015, is presented in which people were invited to discuss about the uncontrolled consumption that characterizes our society nowadays. The teaching material used were short-film videos. The study was applied to two groups of students: one in the Brazilian context and the other a Canadian one. Specifically, this study tried to identify the motives that make people keep or get rid of personal belongings. Parallel to this, the study tried to promote an exchange among students, at the linguistic level (speakers of Portuguese and English), as well as at the cultural level by exposing different habits across both communities.

Keywords: English Language. Films. Education.

Referências

- ALEGRIA, J.; R. DUARTE. Um sonho, um belo sonho: considerações sobre a gênese das relações entre educação e cinema no Brasil. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 5, n.15, p.11-26, mai./ago. 2005.
- BARCELOS, P. **Cinema, Educação e Narrativa**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Brasília. 2010.
- BOURDIEU, P. **A distinção crítica social do julgamento**. Porto Alegre: ZOUK, 1979.
- BRASIL. Decreto nº 6.495 de 30 de julho de 2008. Instituído, no âmbito do Ministério da Educação, o Programa de Extensão Universitária - PROEXT, destinado a apoiar instituições públicas de educação superior no desenvolvimento de projetos de extensão universitária, com vistas a ampliar sua interação com a sociedade. **Diário Oficial de Brasília**, DF, 30 de junho de 2008.
- COLLA, R. A. **O cinema como formação: possíveis caminhos para o uso de produtos cinematográficos na educação ambiental a partir de uma análise do fenômeno Avatar**. Monografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Porto Alegre. Abril de 2011.
- THE COLLYERS. Animação criada por fotografia. 12'12". Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=qYyVJ-JSm-g>. Acesso em: 24 set. 2016.
- DINIS, N. F. **Educação, cinema e alteridade**. Educar, Curitiba, n. 26. 2005.
- ESTIMA, C.E. Cinema, Cultura e o Mundo do Trabalho: intercâmbio Brasil Canadá. **Revista Thema**, vol. 11, n.01, pg. 114-129, Pelotas – RS, 2014.
- FABRIS, E.H. Cinema e Educação: um caminho metodológico. **Educação e Realidade**, vol. 33, n. 1, Porto Alegre, 2008.



FISHER, R.M.B. Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 14, n. 40, Rio de Janeiro – RJ, 2009.

GOTTSCHALK, M. Cinema and audience: complicit and partners in creating cultural meanings. **Critical Cultural**, vol. 1, Noida – Índia, 2006.

GUIMARÃES, G. C. **O Consumo Sustentável para minimização de Resíduos Sólidos Urbanos**. 2011. 120 p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Desenvolvimento Sustentável). Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília. Brasília. Distrito Federal.

HILL, G. **Less stuff, more happiness**. Disponível em: <www.ted.com/talks/graham_hill_less_stuff_more_happiness?language=en>. Acesso em: 24 set. 2016.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. **Políticas de extensão universitária**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

NUNES, F.G. Interculturalidade e o papel da escola na atualidade: reflexões a partir do filme *Entre os Muros da Escola*. **Pro-Posições**, Campinas, vol. 22, n. 3 (66). 2011.

OLIVEIRA, B.J. Cinema e imaginário científico. **História, ciências, saúde - Manguinhos**, vol.13, 2006.

PIRES, M.C. F.; SILVA, S.L.P. O Cinema, educação e a construção de um imaginário social e contemporâneo. **Educação & Sociedade**, Campinas - SP, vol. 35, n.127. 2014.